

ROTPETER – LIMBO ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A ANIMALIDADE¹

ROTPETER – LIMBO BETWEEN CIVILIZATION AND ANIMALITY

Ricardo Carriel Gavanski Junior²

RESUMO: A figura da personagem estranha ou estrangeira é um artifício que serve a uma enorme variedade de propósitos num texto literário. Seja como uma forma de observar o próximo ou de entender a si próprio, o outro é um alvo constante. Franz Kafka é um autor que diversas vezes aborda questões sobre pertencimento e existência, e as coloca na voz de criaturas inusitadas, de homens a texugos. Escolheu-se a figura de Rotpeter, um chimpanzé falante, para esmiuçar como a dualidade entre a civilização moderna e a animalidade é transposta por uma voz não-humana. Apresentam-se o questionamento sobre a posição, a crítica desta personagem e o que ela nos ensina sobre a própria ideia de civilização e de ser humano.

Palavras-chave: Civilização. Animalidade. Kafka. Estrangeiro.

ABSTRACT: The figure of the stranger or foreigner is a tool that serves a variety of purposes in a literary text. Either as means of observing the outsider or of understanding oneself, the other is constantly the target. Franz Kafka is an author that several times touches the matter of belonging and existence, and puts it in the voice of curious creatures, from men to badgers. In this paper, Rotpeter, a talking chimpanzee was chosen in order to investigate how the duality between civilization and animality is translated by a non-human voice. The point is to question what is the positioning and critics of this character and what it teaches us about the very idea of civilization and of being human

Keywords: Civilization. Animality. Kafka. Foreigner.

¹ Artigo recebido em 19 de setembro de 2018 e aceito em 23 de novembro de 2018. Texto orientado pelo Prof. Dr. Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger (UFPR).

² Mestrando do Curso de Letras (Estudos Literários) da UFPR.
E-mail: ugo_juninho@hotmail.com



INTRODUÇÃO

As narrativas kafkianas fazem parte do grupo de obras que se mantém reiteradamente nas discussões acadêmicas, suscitando novas leituras e novos entendimentos, sendo, portanto, sempre relevantes.

Em vez de focar na burocracia, ou nos labirintos propriamente ditos, decidiu-se trazer a tona uma leitura anterior, a do próprio ser humano, curiosamente, por meio de uma imitação. "(...). Ao homem é natural imitar desde a infância — e nisso difere ele dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender por meio da imitação, os primeiros conhecimentos — e todos os homens sentem prazer em imitar" (ARISTÓTELES, 2000, p. 40). Essa é a característica fundadora que Aristóteles estabelece quando se propõe a delinear as particularidades da poesia e épico trágico e cômico: imitar é essencial para os homens e a forma com que imitam e o que escolhem imitar determina o tipo de texto a ser escrito. Nesses termos, segundo ele, primeiramente a tragédia seria a representação destinada aos grandes feitos heroicos dignos de nota.

A poesia épica e a tragédia somente concordam por ser, ambas, imitação em verso de homens superiores. (...). A tragédia é a representação de uma ação elevada, de alguma extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que, despertando a piedade e o temor, tem por resultado a catarse dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2000, p. 42-43)

Em contrapartida, a comédia é reservada para a representação de homens menores.

A comédia, como dissemos, é a imitação das gentes inferiores; mas não em relação a todo tipo de vício e sim quanto à parte em que o cômico é grotesco. O grotesco é um defeito, embora ingênuo e sem dor; isso prova a máscara cômica horrenda e desconforme, mas sem expressão de dor. (ARISTÓTELES, 2000, p. 42)



O principal ponto desse raciocínio que cabe trazer à tona é o momento em que Aristóteles limita aos seres humanos o apreço e a utilização da imitação como instrumento de representação e de aprendizagem. O que é sabido hoje é que essa habilidade, em seus variados graus de complexidade, não se restringe aos seres humanos, mas é uma característica que abrange outros primatas. Os chimpanzés, por exemplo, utilizam a imitação como forma de aprendizagem de novos conhecimentos, bem como de adaptação social. O próprio fato de a linguagem de sinais ter sido ensinada reforça esse ponto.

Franz Kafka nos traz uma demonstração fictícia dessa capacidade símica no conto *Um relatório para a academia*, ou *Ein bericht für eine akademie*, na figura de Pedro Vermelho, Rotpeter, um chimpanzé falante que apresenta seu depoimento sobre como passou à condição de humano por meio da imitação de seus captores. Kafka é um autor conhecido pelo seu uso habilidoso do idioma alemão e por se aproveitar das ambiguidades que determinadas palavras possibilitam. Mas nesse caso, o idioma alemão nos oferece uma situação favorável. Existe a palavra *nach-äffen*, derivada de *affe* (macaco), que significa **imitar**, entretanto com um significado pejorativo. Temos, então, um cenário curioso, um animal, muito próximo a nós biologicamente, imitando as nossas características e nos contando sobre. Aquilo que ele diz, o que ele não diz e a forma como diz podem demonstrar muito sobre qual a visão dessa criatura quanto à prestigiada civilização dos homens.

Em que sentido Pedro Vermelho de fato se tornou humano se é que se pode afirmar que o fez? Como a civilização é representada? As perguntas inversas também se mostram interessantes: qual a posição dos homens em frente à animalidade supostamente renegada por Pedro Vermelho? O relatório é visto mais como uma tragédia, enaltecendo o sofrimento e a salvação do chimpanzé, abraçando a humanidade, ou como uma comédia, destacando o grotesco da transformação? A leitura dessa obra, em conjunto com o restante dos textos de Kafka pende a balança para a comédia, mas diferente do que disse Aristóteles, não é possível afirmar que não haja dor nessa comédia.

SOBRE O RELATÓRIO

A figura animal, ou pelo menos não-humana, não é estranha para a ficção de Franz Kafka. Muito pelo contrário, a imagem mais emblemática que remete ao autor tcheco é o famoso inseto de *A metamorfose*. Tanto pelo estilo elaborado, mas desprovido de floreios, como pelo uso constante de palavras de sentido ambivalente é tentador atribuir a esses textos aquilo que Walter Benjamin chama de "aura" (BENJAMIN, 1987, p. 168), uma essência particular e distintiva



que permeia as histórias e personagens. Entre insetos, texugos, chacais, onças, bolas saltitantes e carretéis, o termo kafkiano surge para expor cenários de burocracia, não pertencimento, absurdo e pecado. Quando o protagonista da história passa a ser Rotpeter, Pedro Vermelho, Kafka nos apresenta ainda outra voz para se manifestar sobre as mazelas da sociedade moderna, mas este conto em particular o faz de uma forma interessante.

Um relatório para a academia nos trás Pedro Vermelho, um chimpanzé capturado na costa da África, no momento em que apresenta, como o título sugere, um relatório para uma academia científica. O conteúdo da apresentação deveria ser sobre a sua pregressa vida de símio, mas essa expectativa é quebrada logo de início, e Pedro Vermelho se justifica dizendo que não se recorda de nada anterior a sua captura e posterior **humanização**. Assim, decide que exporá para os membros da banca como se deu esse processo.

A passagem de animal para homem, pela descrição de Pedro, foi essencialmente uma escolha feita em nome da sobrevivência e não um capricho ou uma vontade de se parecer com um ser humano. Após ser baleado e capturado, o chimpanzé foi mantido preso num navio, maltratado e levado até a Europa. Não enxergava meios competentes para escapar até que passou a imitar as práticas e costumes dos marinheiros que o rodeavam. Começou aprendendo o aperto de mãos, depois a cuspir, a beber, a fumar. Até que finalmente começou a falar. A capacidade de falar abriu uma nova oportunidade para ele, no lugar de ser deixado numa jaula de um zoológico, pôde ser levado a participar de um teatro de variedades. Começou a aprender cada vez mais com o intuito de conseguir o teatro, e de fato conseguiu. Somou novos professores e alcançou, segundo afirma, o nível de um europeu médio. E termina por reiterar que tudo se resumiu a um simples relatório de uma experiência.

Apesar de ser uma história consideravelmente simples, ela abre margem para críticas contundentes e até mesmo cômicas sobre como a civilização moderna define a si própria. Mas definir quais críticas que são mais relevantes e quais nos fornecem uma maior variedade de ferramentas de análise depende da forma como se lê o texto, respondendo à pergunta: quem de fato é Pedro Vermelho?

LENDO O RELATÓRIO

Os textos de Kafka foram e podem ser lidos sob diferentes perspectivas. Dentre as formas possíveis podem ser listadas: uma leitura na qual se atribui significação religiosa, sob influência da questão judaica, presente na vida do autor (CANETTI, 2011, p.88); o entendimento dos textos como metáforas



críticas que detalham aspectos da vida pessoal do autor e a excessiva burocracia presente na sua vida profissional em uma agência de seguros e em escritórios de advocacia; e modelos para ajudar na compreensão das confusões do mundo (ARENDDT, 2005, p.77).

Para a leitura do relato de Pedro Vermelho, é necessário que, primariamente, não se tome o texto de Kafka como uma coleção de metáforas. Dada a natureza fantástica e essencialmente surreal da obra de Kafka em geral, seus textos são associados a simbolismos e metáforas, como imagens com as quais se pretende representar alguma outra entidade, situação ou ideia. Essa noção, por consequência, transformaria Pedro Vermelho numa representação do ser humano, uma forma de humanismo que usa o chimpanzé para falar de nós mesmos. Mas mantendo-se estritamente concentrado no texto, não é esse o entendimento que alcança a leitura pretendida.

Mas Kafka não é estetizante, santo ou sonhador, nem forjador de mitos ou simbolista — pelo menos nada disso em primeiro plano: é um fabulador realista. (...). Kafka — e depois Brecht — forjam situações deformantes em que introduzem seus objetos de pesquisa — o homem contemporâneo —, visando a uma fixação. (...). Uma classificação experimental kafkiana sem dúvida não parece realista tão realista quanto o jardim antropológico de Gasworthy. Mas seu resultado é realista. (ANDERS, 2007, p.16)

Assim, não é caso de observar metáforas, mas sim partir para uma abordagem realista do texto, visualizar tanto o absurdo presente nas narrativas, como as personagens que as vivem como retratadas de maneira realista. Aplicando essa visão na história de Pedro Vermelho somos recebidos agora não por um reflexo do ser humano materializado com a aparência de um chimpanzé, mas, muito mais do que isso, temos um chimpanzé se utilizando do idioma humano para manifestar a própria voz e nos contar o seu ponto de vista (ou o ponto de vista que precisa expor) sobre a sua experiência com os seres humanos. Significa tornar esta narrativa uma história animal e com a voz de um não-humano. Um retrato da humanidade feita por alguém de fora da humanidade.

Ao contar estas histórias do ponto de vista do animal imaginado, a degradação animal e a vitimização são descritas a partir do ângulo da subjetividade animal e transformados num julgamento da humanidade, a qual baseia a si própria pelo seu tratamento dos animais. A “voz” e os “olhos” animais, na ficção



de Kafka, tornam-se espelhos nos quais o humano é refletido sobre si mesmo num aspecto opressivo e desfavorável³. (NORRIS, 2010, p.20, ênfase no original)

Isso significa tornar a narrativa uma história animal e com a voz de um não-humano. Um retrato da humanidade feito por alguém de fora da humanidade.

KAFKA E A VOZ NÃO-HUMANA

Ironicamente, é apenas com a comunicação e a linguagem humanas que o não-humano consegue expor de maneira compreensível para nós o seu ponto de vista. Tudo aquilo que não faz parte do humano, não nos é inteligível e nem mesmo passível de tradução. Dentro da narrativa isso é evidenciado, a exposição ao humano e a adaptação aos seus modos faz com que Pedro Vermelho **esqueça** tudo de sua vida pregressa de macaco, pregressa ao humano, o que impede o relato.

Não posso infelizmente corresponder ao convite nesse sentido. Quase cinco anos me separam da condição de símio; espaço de tempo que medido pelo calendário talvez seja breve, mas que é infundavelmente longo para atravessar a galope como eu o fiz, acompanhado em alguns trechos por pessoas excelentes, conselhos, aplauso, música orquestral, mas no fundo sozinho. (...). Essa realização teria sido impossível se eu tivesse querido me apegar com teimosia à minha origem e às lembranças de juventude. Justamente a renúncia a qualquer obstinação era o supremo mandamento que eu me havia imposto; eu macaco livre, me submeti a esse jugo. Com isso, porém, as recordações, por seu turno, se fechavam cada vez mais para mim. (KAFKA, 1994, p.57)

³ "By telling these Stories from the imagined animal vantage, the animal degradation and victimization is expelled from within the animal subjectivity and transformed into a judgement of a humanity that debases itself in its treatment of the animal. The animal 'eyes' and animal 'voice' in Kafka's fiction become mirrors in which the human is reflected back to itself in an oppressive and unflattering guise". As traduções apresentadas no corpo do texto foram feitas pelo autor deste artigo.



Dentro da narrativa é justamente o acesso à linguagem humana que o salva. O ato de falar é o fator determinante que o possibilita escapar do cativeiro e buscar alternativas para sobreviver.

Observando com atenção, dentro do texto, as palavras que Pedro Vermelho escolhe para descrever todo o processo e aquilo que decide deixar de fora, apreendemos o julgamento feito pelo chimpanzé quanto a sua transição forçada para o humano. Todo o aprendizado de Rotpeter, como mencionado, partiu da imitação dos homens que o mantiveram preso no navio mercante, portanto, de uma representação mimética, similar à proposição de Aristóteles, situação em que o caráter cômico do texto ganha mais peso. Então, as capacidades que ele **adquire** são na sua totalidade, essencialmente, humanas. Ele nos conta que aprendeu sobre apertos de mão, a falar, mas também aprendeu a beber, a fumar e a cuspir. O porte e a escolha de palavras também nos esclarecem que aprendeu sobre o raciocínio lógico e sobre etiqueta. Tudo que precisava para alcançar o nível de um europeu médio. "O discurso racional de Pedro Vermelho não demonstra nada de sua animalidade de símio, mas em vez disso exibe qualidades que identificam o humano como civilizado: habilidade retórica, urbanidade, autocontrole, ironia" (NORRIS, 2010, p.22)⁴.

Somado a isso, somos apresentados a mais um traço interessante de diversas histórias compostas por Kafka, o **estranhamento**. Ao mesmo tempo em que Pedro Vermelho descreve o trajeto que percorreu até alcançar o status que detém, nos conta sobre os maus tratos e violências que sofreu, mas não o faz de maneira ofensiva ou ostensiva. Muito pelo contrário, tão logo descreve alguma das violências sofridas, passa a justificá-las, tenta convencer seus ouvintes de que as situações não seriam tão graves quanto de fato pareciam. Quando estava aprendendo a beber, por exemplo, as falhas eram punidas prontamente, mas Peter justifica:

Com demasiada frequência a aula transcorria assim. E para honra do meu professor ele não ficava bravo comigo; é certo que às vezes ele segurava o cachimbo aceso junto à minha pela até começar a pegar fogo em algum ponto que eu não alcançava, mas ele mesmo o apagava depois com a sua mão boa e gigantesca; não estava bravo comigo, percebia que lutávamos do mesmo lado contra a natureza do macaco e que a parte mais pesada ficava comigo. (KAFKA, 1994, p.65)

⁴ "Red Peter's rational speech performs nothing of the ape's animality but instead foregrounds qualities that identify the human as civilized: rhetorical skill, intelligence, urbanity, self-control, irony".



A própria ideia dos maus tratos sofridos por Rotpeter, por si só, deveria ser suficiente para causar qualquer tipo de reação por parte do público que o ouve, ou alguma forma de revolta do palestrante. Mas, ao contrário, a linguagem casual e elegante de Pedro Vermelho mostra apenas passividade e, até certo ponto, tranquilidade. É um fenômeno que se repete em outras narrativas da seguinte forma: o absurdo é presente e, na grande maioria das vezes, o constituinte das narrativas de Kafka, mas causa constantemente um estranhamento nos seus leitores, não por causa do absurdo em si, mas pela falta de reconhecimento que ele recebe. Os únicos que demonstram alguma surpresa real com o absurdo presente são os próprios leitores, enquanto as personagens o abraçam como parte da sua realidade convencional. O estranhamento pertence apenas ao leitor e não às personagens. O exemplo mais recorrente é o início de *A metamorfose*, no qual a primeira preocupação de Gregor Samsa, ao se transformar num inseto, é como chegará ao trabalho e não as causas de sua transformação.

Em Kafka, o inquietante não são os objetos nem as ocorrências como tais, mas o fato de que seus personagens reagem a eles descontraidamente, como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais. Não é a circunstância de Gregor Samsa acordar de manhã transformado em inseto, mas o fato de não ver nada de surpreendente nisso — a trivialidade do grotesco — que torna a leitura tão aterrorizante. (ANDERS, 2007, p. 20)

Aplicada essa noção da “trivialidade do grotesco” ao discurso de Pedro Vermelho, mais uma manifestação sobre a civilidade do ser humano vem à tona. Novamente, toda a forma de manifestação verbal e de raciocínio linguístico que Pedro Vermelho apresenta resulta da observação e apreensão da maneira humana de se comportar. Ao tratar com tamanha casualidade as circunstâncias de sua captura, aprisionamento e mutação, o chimpanzé usa de toda uma carga de ironia para evidenciar como o absurdo — não a existência de um macaco falante, mas a aceitação e justificação de seu tratamento — é parte fundamental e aceita pela sua plateia humana de acadêmicos. Nada na história é tratado como chocante e Rotpeter faz questão de deixar isso muito claro em seu discurso.

Esse choque de expectativas obriga o leitor a dar um passo para trás e observar com mais atenção os conceitos mais básicos e pré-estabelecidos que definem o comum. Nesse caso, a própria definição de civilização e o que estigmatiza Pedro Vermelho como apenas um outro animal. A isso pode se chamar de **estranhamento**. Trata-se de uma ferramenta artística que força o pensamento do leitor a investigar o modo com que encara a sua própria realidade e Kafka a usa com frequência.



Uma particularidade curiosa que separa o texto *Relatório para a academia* de outros textos de Kafka é a motivação da personagem. Sendo a motivação entendida como o somatório das intenções do personagem, suas emoções, desejos, limitações e vontades (DOLEŽEL, 1998, p. 63), ela é fundamental para se entender as ações das personagens. Tradicionalmente, a principal questão envolvida nos textos de Kafka diz respeito a pertencimento e existência. Significa dizer: a personagem kafkiana busca alcançar um grau de reconhecimento e aceitação que a coloque no mesmo patamar de pertencimento do que as demais personagens. Do ponto de vista da protagonista, todas as demais personagens que compõem a pluralidade externa, além de estarem livres das regras opressivas às quais a protagonista está submetida, elas detêm uma posição dentro da sociedade e aparentam estar felizes com isso. É uma condição que a protagonista inveja. Em *O castelo* o que o agrimensor mais deseja é a permissão dos senhores do castelo para que possa permanecer no local e realizar seu trabalho; em *O processo* Joseph K. quer provar a sua inocência e deixar de ser estigmatizado como vítima de um processo judicial. Essa busca por pertencimento ganha outro grau de profundidade observando como Kafka descreve essa situação no idioma alemão:

O motivo é simples: o “eu” que Kafka encontra, ele o descobre como um “estranho” — mas o “estranho” não “é”, pois a palavra “ser” — como Kafka escreve dez anos depois de *Contemplações* — em alemão quer dizer as duas coisas: “estar-aí” (*dasein*, existir) e “pertencer a” (*ihm gehören*, ser de). (...). Por isso acentuamos mais uma vez: enquanto, na história da emancipação do indivíduo, exatamente o eu “incondicionado”, isto é, não contido ou vinculado a coisa alguma, valeu como essência do ser (“ser” igual a “liberdade”), para Kafka só é “existente” o eu condicionado e vinculado. (ANDERS, 2007, p.28, ênfase no original)

Portanto, o que costuma motivar as personagens de Kafka é a busca pelo pertencimento, que está vinculado a existência, com o detalhe de que a personagem está fadada a fracassar. Mas não é esse o cenário pintado por Pedro Vermelho. Ele, diferente de suas contrapartes em outras histórias, de fato alcança um estágio em que pode se considerar próximo, apesar de nunca igual, da pluralidade. Ele declara a sua natureza de macaco como ultrapassada e se posiciona como num mesmo patamar de competência de um europeu médio. Contudo, a sua motivação é apresentada sem rodeios no texto: sobrevivência. Imitar o ser humano, tornar-se civilizado, nunca foi a intenção ou vontade de Pedro Vermelho; foi uma saída.



Eu não tinha saída, mas precisava arranjar uma, pois sem ela não podia viver. Caso permanecesse sempre colado à parede daquele caixote teria esticado as canelas sem remissão. Mas na firma Hagenbeck o lugar dos macacos é de encontro à parede do caixote — pois bem, por isso deixei de ser macaco. Um raciocínio claro e belo que de algum modo devo ter chocado com a barriga, pois os macacos pensam com a barriga. (KAFKA, 1994, p. 60)

E, no decorrer do texto, Pedro Vermelho reitera, com a delicadeza exigida pelo público a que representa, que nunca fez questão de se tornar humano e que as chamadas **vantagens** a civilização e da racionalidade não o impressionam.

Esses meus progressos! Essa penetração por todos os lados dos raios do saber no cérebro que despertava! Não nego: faziam-me feliz. Mas também admito: já então não os superestimava, muito menos hoje. Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra cheguei à formação de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial. Essa saída humana. (KAFKA, 1994, p. 66)

A saída humana foi abandonar a sua própria natureza e abraçar a civilização, sob a ameaça de ser eliminado. É curioso ver que talvez o único personagem que tenha alcançado de fato o objetivo de pertencer, o tenha feito por desespero e nem se quer seja um ser humano. E talvez seja o mais humano de todos.

Rotpeter zomba da civilização ao exercê-la de forma plena e descarada, mas não sem perder a elegância, diante de seus **iguais**. “O símio pode apenas falar no idioma hipócrita de seu opressor, numa retórica que nega a crueldade, suprime emoção e ironia e antífrase — a palavra que diz o contrário do que significa” (NORRIS, 2010, p.22)⁵.

A análise de Bauman sobre a “modernidade líquida” e a formação das comunidades transitórias de pertencimento, em busca de proteção e

⁵ “The ape can speak only in the hypocritical idiom of his oppressor, in rhetoric that denies cruelty, suppresses affect, consigns aggression to irony and antiphrasis — the word that says the opposite of what it means”.



significado (BAUMAN, 2001, p.205) e o estabelecimento constante e mutável da noção do outro cabe na história de Rotpeter num nível crítico. É o extremo do estranho/estrangeiro a que pode se chegar. O outro não é uma pessoa de nacionalidade, cultura ou etnia diferente; é um indivíduo de outra espécie que optou por abandonar os seus próprios modos de vida, com o único objetivo de sobreviver — de fazer parte da pluralidade como desejam as personagens de Kafka em outras histórias.

Não se trata, portanto, de uma narrativa em que o ser humano serve como um fantoche do humano para que o humano entenda a si próprio. Tem-se uma denúncia contra a hipocrisia, a arrogância e a cegueira do **homem civilizado** feita por um **quase homem**. E feita à maneira desvirtuada e sinuosa com que essa civilização trata os absurdos com que está habituada e entende como normais.

CONCLUSÃO

O texto *Relatório para a academia* é uma obra que apresenta um questionamento e uma solução muito particulares. Pedro Vermelho consegue de fato salvar a própria vida, mas, ao mesmo tempo, ele se encontra num limbo entre a civilização e a animalidade do qual não pode escapar. Passou a imitar os homens e a se portar como eles, mas nunca será um homem de fato, não aos olhos daqueles que o observam. Por outro lado, mantém uma conexão com seu passado símio, exemplificado pelo fato de manter uma **namorada** chimpanzé em seu apartamento. Apesar de se divertir com ela “à maneira dos macacos” (KAFKA, 1994, p.67) não consegue deixar de se incomodar com o porte dela: “Durante o dia não quero vê-la; pois ela tem no olhar a loucura do perturbado animal amestrado; isso só eu reconheço e não consigo suportá-lo” (p.67).

Apesar de o texto poder ser entendido como uma metáfora para o desafio da vida do artista ou como uma mensagem direta sobre os maus tratos aos animais, tomado como uma história de animais e não de homens, oferece a crítica crucial à civilização.

Kafka é um autor a quem é vinculada a crítica sobre a sociedade moderna, sobre a burocracia e sobre a opressão, além de visionário das crises totalitárias que acometeriam o mundo no séc. XX. Nesse viés, uma crítica feita ao próprio Kafka é a ausência de uma resposta para esses problemas. Na grande maioria dos textos, os personagens são vencidos ou mortos e nunca alcançam qualquer dos seus objetivos. Em outros tantos apenas servem de observadores. Pedro Vermelho é diferente, ele soube o que tinha que fazer para vencer o sistema que poderia destruí-lo: tornou-se parte dele. Isso o condenou a



viver, a viver como um quase homem, e a perder aquilo que o tornava um macaco propriamente. Mas o valor do texto é a sua carga cômica. Rotpeter, ao aprender todas as mazelas que a salvação pela civilização traria a ele, escancarou-as diante da comunidade científica e o fez à maneira dos homens: com elegância. Isso nos deixa do outro lado da sala, observando mudos, enquanto ele joga os holofotes sobre nós e disseca as nossas falhas.

O estranhamento diante dos textos de Kafka pode servir ao propósito de instigar o leitor a observar e questionar os absurdos do sistema social em que se encontra, mas esse texto em particular deu um passo a mais. Instiga o leitor a questionar aquilo que é mais basal, aquilo que o torna civilizado, diferente do outro, aquilo que o torna humano.

REFERÊNCIAS

- ANDERS, G. *Kafka: Pró e contra*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ARENDDT, H. *Essays in understanding, 1930-1954: Formation, exile, and totalitarianism*. Nova York: Schocken, 2005.
- ARISTÓTELES. *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- CANETTI, E. *A consciência das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DOLEŽEL L. *Heterocosmica: Fiction and possible worlds*. Baltimore: John Hopkins University, 1998.
- KAFKA, F. *Um médico rural*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LUCHT, M.; YARRI, D. (Orgs.). Kafka's creatures. In: NORRIS, M. *Kafka's hybrids: Thinking animals and mirrored humans*. Lanham: United Kingdom, 2012, p. 17-31.

